

DOSSIÊ PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

Tacyana Arce

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH). Bolsista PDSE/CAPES. Pesquisadora pelo Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediáticas (NucCon) – CCNM/UFMG.

E-mail: tacyarce@gmail.com

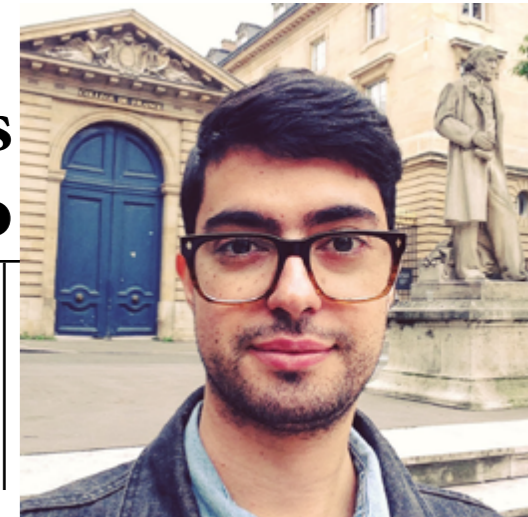


Foto_Foca Lisboa

Tiago Barcelos Pereira Salgado

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES. Doutorando Sanduíche no GSPR/EHESS (Paris/FR). Pesquisador pelo Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediáticas (NucCon) – CCNM/UFMG.

E-mail: tigubarcelos@gmail.com



A crise da mediação jornalística em provação: uma análise textual de artigos do Medium

Resumo

Analisa-se à luz das sociologias pragmáticas francesas a retórica sobre a crise do jornalismo que acompanha a atividade desde 1900 e se intensifica com o advento da internet. Compreende-se que, para se fazer jornalismo, ele precisa ser submetido a provações, que fazem do jornalismo, jornalismo. A partir de 52 textos sobre a temática publicados no *Medium* em seu primeiro ano de atuação no Brasil, busca-se apreender como a mediação jornalística é redefinida, compreendendo-se mediação como provação. Com auxílio do *software* Prospéro, evidencia-se uma dubiedade em relação ao significado da crise do jornalismo no *corpus* trabalhado, cujas provações são ora entendidas como ameaça, ora como possibilidade de reinvenção do jornalismo.

Palavras-chave: Crise do jornalismo; Mediação jornalística; Medium; Provação; Prospéro.

Abstract

Under the French pragmatics sociologies field, this article aims to analyze the rhetoric about the journalism crisis which accompanies the activity at least since 1900 and has been intensified with the advent of the internet. It is understood that, in order to have journalism, it needs to undergo trials. Only these trials define journalism as what it is. Taking 52 texts about the subject published on Medium website in its first year of operations in Brazil, we seek to learn how the journalistic mediation is redefined, understanding mediation as a trial. Using Prospéro software we seek to evidence the dubious meaning of the journalism crisis in the working corpus, whose trials are perceived sometimes as a threat, sometimes as possibility of reinvention of journalism.

Keywords: Journalism crisis; Journalistic mediation; Medium; Trial; Prospéro.

Uma versão reduzida e em francês deste artigo foi apresentada no IV Colóquio Internacional “*Médias Numériques et Communication Électronique*”, realizado nos dias 01, 02 e 03 de junho de 2016, na Université du Havre, Le Havre, França.

1. INTRODUÇÃO

Tornou-se lugar comum afirmar que o jornalismo está em crise. Alguns demarcadores da crise da mediação jornalística são: profundas e aceleradas transformações a) tecnológicas, b) de seu modelo de negócios e c) de seus modos de produção e distribuição de conteúdo. A estes aspectos, somam-se alguns outros, dentre os quais destacamos: a) uma crise econômica que impacta o mercado de trabalho e b) uma crise política, no que tange à confiança generalizada nas instituições modernas, da qual o jornalismo é parte.

No cenário digital, a apropriação por diferentes produtores de conteúdo do papel tradicional do jornalismo de descrever o mundo, sem respeitar, entretanto, suas estruturas cânones, ancoradas nos ideais de objetividade e imparcialidade (Schudson, 2010), soma-se aos aspectos destacados no parágrafo anterior. Este cenário tem feito alguns profissionais, estudiosos e instituições midiáticas de referência questionarem o que pode ou não ser entendido como jornalismo.

Ainda que as empresas jornalísticas tradicionais e mesmo alguns profissionais e estudiosos do Jornalismo almejem defender um determinado lugar lógico da mediação jornalística, o que se percebe na contemporaneidade é um tensionamento dessa mediação. A mediação jornalística supõe que a informação noticiosa seja o veículo que leva ao cidadão o conhecimento do mundo, sendo essa mediação o resultado de uma cadeia de produção operada por profissionais comprometidos em garantir a lisura do processo de transformação do acontecimento em notícia. A tensão resulta, então, da profunda reconfiguração do cenário comunicacional, marcado pelo imbricamento das perspectivas comunicacionais de transmissão e de compartilhamento em conexões de mídias digitais (Alzamora, 2012). A lógica midiática atual, portanto, reconfigura a relação entre veículos noticiosos e públicos, que passam a recorrer a outras fontes de informação que não as tradicionais, bem como produzir conteúdo noticioso próprio.

As abordagens mais recorrentes sobre a mediação jornalística, entretanto, reafirmam uma determinada noção cristalizada historicamente, calcada sobretudo

no ideal de objetividade, que se tornou o mito fundador do jornalismo moderno (Marcondes Filho, 2002). Ainda que tal mito, reafirmado nas primeiras formulações teóricas sobre o jornalismo, seja questionado nos estudos em Comunicação pelo menos desde a década de 1970 (Schudson, 2010), ele ainda ancora o discurso não apenas da classe profissional, mas também de pesquisadores do jornalismo.

Historicamente, o jornalismo tem sido entendido como o trabalho de averiguar, selecionar e hierarquizar as ocorrências do mundo (Alzamora, 2012). Desde seu surgimento, com a Modernidade, este saber organizador resistiu às transformações que lhe foram impostas. Um primeiro exemplo é a transformação da atividade jornalística em negócio capitalista. A partir dessa mudança, o embate entre as áreas editorial e comercial se torna uma constante dentro das empresas de comunicação. Outro exemplo é a competição entre Jornalismo e Relações Públicas – atividade organizada ao início do século XX –, que condiciona a adoção de critérios de objetividade pelo primeiro a fim de se diferenciar da Publicidade e Propaganda.

Le Cam *et al.* (2015) salientam que a retórica de crise acompanha a atividade jornalística ao menos desde o século XIX.¹ Contudo, os autores reconhecem que ela se intensifica com a popularização da *internet* na segunda metade dos anos 1990 e, sobretudo, depois da emergência dos *sites* e aplicativos de redes sociais digitais, responsáveis por retirar do jornalismo a primazia do polo de emissão, dada a possibilidade que cada pessoa passa a ter de publicar conteúdos próprios em meios de comunicação e informação de sua escolha com relativa autonomia e gratuidade.

Em vista deste cenário, a proposta deste artigo é analisar o cruzamento e as transformações de atores e argumentos sobre a crise do jornalismo no *site*

1 Segundo os autores, em 1897, a *Revue bleue* denunciava as “doenças do jornalismo”, questionando a crescente substituição dos artigos analíticos por reportagens que baniram o posicionamento do autor. A divisão do trabalho do jornalista para atender aos processos fabris de produção da notícia, a busca incessante pelo furo como estratégia de sobrevivência das empresas e a intensificação dos processos de informatização das redações são alguns dos exemplos das “várias crises” atravessadas pelo jornalismo ao longo de sua história.

de rede social *Medium*.² Desde que sua versão brasileira foi oferecida ao público, em junho de 2014, o *site* tem sido apropriado por empreendimentos jornalísticos considerados inovadores, como Nexo, Brio e Agência Pública. Esses projetos não apenas inovam na maneira de produzir e, sobretudo, distribuir conteúdo; cada vez mais, eles ocupam o espaço digital com reflexões a respeito das bases canônicas do jornalismo, tal como estabelecidas durante a Modernidade, como pontua Marcondes Filho (2002): ideais de objetividade, neutralidade e imanência dos fatos jornalísticos.

O *Medium*, portanto, é expoente da reconfiguração do jornalismo frente ao advento do que tem sido nomeado como “novas mídias”. Ao mesmo tempo em que descreve a crise da atividade em suas variadas publicações por profissionais e não profissionais da área, o *site* possibilita a redefinição do que se entende como jornalismo neste momento. Além disso, ele se apresenta como um espaço digital para a produção e circulação de um jornalismo alternativo aos denominados “meios de comunicação tradicionais” (jornal, revista, rádio e televisão).

Desde o seu lançamento até dezembro de 2015, quando da escrita deste artigo, o serviço brasileiro do *Medium* contabilizou 52 textos que tinham como tema central o próprio jornalismo. Este número de publicações textuais resulta da busca simples pelo termo “jornalismo” dentro do *site* e compõem o *corpus* deste trabalho.

2. A CARACTERIZAÇÃO DA CRISE

De maneira sintetizada, podemos identificar três aspectos principais que caracterizam a crise da mediação jornalística e do próprio jornalismo:

1. *O modelo de negócios do jornalismo*: numa era em que a informação deixa de ser escassa, posto que o número de produtores aumenta,

2 O *site Medium* (<https://medium.com/brasil>) foi lançado em 2012 pelos criadores do *Twitter*. Após a notoriedade desse *microblog*, principalmente no que se refere à sua capacidade de distribuir conteúdos, os criadores do *Medium* decidiram explorar o desejo de expressão, nomeado como “*long form writing*”. De acordo com Ghedin (2013), esse é um tipo de escrita de “grande fôlego”, em que o conteúdo é mais refinado, menos efêmero e valoriza as narrativas.

ocorre o esgotamento do modelo baseado na intermediação entre consumidores de notícias e anunciantes que sustentou os empreendimentos jornalísticos durante o século XX (Meyer, 2007);

2. *O papel institucional do jornalismo*: em seus discursos, categoria profissional, pesquisadores e empresas jornalísticas fazem referência a uma certa deontologia coletiva, regida por valores de neutralidade e imparcialidade que, entretanto, não encontra ressonância na realidade das redações, sobretudo depois que a produção de informação noticiosa se ampliou para além do domínio profissional (Deuze, 2008);
3. *A identidade do jornalista*: a comunidade interpretativa, que teve na autoridade jornalística – capacidade de se promover como porta-voz autorizada e crível dos eventos da “vida real” – o definidor do seu valor, precisa se reposicionar diante da multiplicidade, multidimensionalidade e multidirecionalidade da informação no cenário da comunicação digital (Zelizer, 2009).

Como se pode notar pelos três pontos destacados, o fazer jornalístico tem sido desafiado e redefinido, ocasionando uma crise da ideologia que define o jornalismo: o postar-se entre as ocorrências do mundo e o cidadão (Adghirni, 2012).

Percebe-se, desta maneira, que a “mais recente crise do jornalismo” se refere à suposta perda da sua primazia na mediação, em função, sobretudo, do advento das redes sociais digitais. Essas redes teriam ocasionado um fenômeno de “desintermediação” que teria afetado todas as instituições mediadoras (a família, a igreja, a escola, etc.) e, em particular, as mídias (Cebrián, 2013). Dito de outra maneira, não caberia mais apenas à instituição jornalística narrar os fatos do mundo, posto que se tornou possível a pessoas diversas também darem a conhecer o mundo pela produção e publicação de conteúdos jornalísticos que elas mesmas produzem e colocam em circulação *online*. O *Medium* integra esta dinâmica produtiva e distributiva de informações e é exemplar da caracterização e redefinição da crise da mediação jornalística.

Dessa maneira, para discutirmos uma suposta crise da mediação jornalística, precisamos compreendê-la de outra maneira. Para isso, recorremos à noção de *mediação* nas sociologias pragmáticas francesas elaboradas a partir do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, principalmente pelos trabalhos do antropólogo e sociólogo francês Bruno Latour, principal teórico da Teoria Ator-Rede (TAR). A noção de *provação* (*épreuve*), por sua vez, central a todas as sociologias pragmáticas francesas (Nachi, 2006), será tomada a partir das proposições do sociólogo pragmático francês Francis Chateauraynaud (1991), que buscou definir os axiomas da *provação* (*les axiomes de l'épreuve*), que nos auxiliam a compreender a crise da mediação jornalística e o que pode ser entendido como jornalismo.

3. A CRISE COMO PROVAÇÃO DO JORNALISMO E DE SUAS MEDIAÇÕES

Postulamos neste trabalho, tal como fizemos anteriormente, que *mediar* é verbo defectivo, portanto, conjugado apenas na terceira pessoa do plural (Arce; Alzamora; Salgado, 2014), ou seja, a *mediação* ocorre apenas em cadeias de associações, em que humanos e não humanos se vinculam temporariamente e alteram um estado de coisas ou situação em função das maneiras como se conectam e se desconectam (Latour, 2005). Nesta associação coletiva, não há um “eu jornalismo” que medeia o mundo, mas um “nós mediamos”, de modo que o jornalista não é externo ao fato que narra, nem o social está dado *a priori*, mas é produzido pelas variadas camadas de mediações (técnicas, institucionalizadas, profissionais e não profissionais) que se sobrepõem na prática jornalística (Arce; Alzamora; Salgado, 2014).

Uma situação de crise e de incerteza, como a da mediação jornalística, é um momento de *provação* (Latour, 2000), em que enunciados são submetidos à prova a fim de que sejam validados ou refutados de acordo com os argumentos apresentados, que

mobilizam eles mesmos diversos *actantes*.³ Da *provação* resulta a realidade ou, como nos diz Latour (2000), a realidade é o que resiste às *provações*. Dessa maneira, entendemos que o jornalismo resulta das variadas negociações de sentido que lhe são atribuídas, justamente porque não se sabe ao certo o que ele é. São as *provações* que fazem do jornalismo, jornalismo, mesmo se elas lhe atribuem um novo sentido e questionam seus valores canônicos que o instauram como uma das expressões culturais mais fortes do homem moderno (Latour, 1994).

Para Chateauraynaud (1991), a *provação* é um momento de incerteza sobre um determinado estado e é, portanto, a possibilidade de modificação deste estado. Entretanto, para que seja possível mudá-lo, é necessário defini-lo. Logo, tanto quanto um momento de incerteza sobre o estado das coisas, a *provação* é também um momento de determinação do estado das coisas – menos no sentido de imposição do que de delimitação e precisão. A determinação visa alterar o estado de indeterminação. Dessa maneira, tentaremos observar como, em um momento de incerteza sobre o jornalismo, os atores buscam, ao mesmo tempo, questionar e definir o que seja o jornalismo.

4. QUE CRISE?

A leitura do *corpus* que se segue foi feita com auxílio do *software Prospéro*,⁴ um analisador automático de *corpora* de grandes extensões desenvolvido originalmente em francês por Francis Chateauraynaud e pelo programador Jean-Pierre Charriau no início

3 O termo “actante” foi cunhado pelo linguista francês Lucien Tesnière durante a primeira metade do século XX como alternativa ao termo “pessoa” e, posteriormente, empregado em seu sentido semiótico pelo linguista lituano Algirdas Greimas. Um *actante* é um elemento do laço verbal, é qualquer ser ou coisa que participa de um processo.

4 A nomeação do *software* como “Prospéro” faz menção ao personagem de mesmo nome da obra *A Tempestade* de William Shakespeare, aludindo à sua capacidade quase mágica de “fazer falar”. Prospéro, duque de Milão, é forçado a viver sozinho numa ilha, tendo apenas a companhia da filha e de alguns seres mágicos que balbuciam sobre tudo o tempo inteiro. Amante dos livros e do conhecimento, Prospéro vale-se deles para subjugar as criaturas e fazê-las se manifestar por uma língua compreensível.

dos anos 2000.⁵ Alimentado com dicionários de base que estruturam a língua e com dicionários de conceitos construídos a partir do *corpus* em análise, o *Prospéro* é capaz de observar o jogo de atores e os regimes discursivos em *provação*. Os conceitos são divididos em: entidades (*entités*), qualidades (*qualités*), *provações* (*épreuves*) e marcadores (*marqueurs*).⁶ Esses conceitos buscam relacionar atores e ações, bem como suas qualificações. A grosso modo, as entidades se referem aos substantivos e nomes próprios; as qualidades se referem aos adjetivos; as *provações* dizem respeito aos verbos e suas conjugações; e os marcadores dizem respeito aos advérbios e expressões adverbiais.

Para observar os discursos sobre o jornalismo nas 52 publicações do *Medium* que compõem o *corpus* deste estudo, o primeiro passo foi analisar a ligação das entidades com as qualidades presentes nos textos. Observamos que, entre todas as entidades presentes no *corpus*, JORNALISMO@ e JORNALISTA@⁷ foram as de maior presença, tornando-se atores principais. As duas principais qualidades associadas a estas entidades foram os termos “profissional” e “tradicional”, o que nos permite inferir que esses são textos que tratam do jornalismo convencional, enquanto atividade profissional e negócio. Entretanto, quando invertemos a ordem e buscamos por qual seja a ligação qualidades-entidades, observamos, sobretudo, a ocorrência de expressões como “novas formas”, “novas tecnologias”, “grandes jornais”, “grandes veículos”, “novos formatos”, “novos caminhos”. Tais cruzamentos nos permitem inferir que se o *corpus*

5 Atualmente, o *Prospéro* conta com versões em francês, espanhol e português. As versões em inglês e italiano estão em curso. Mais informações sobre esse *software*, bem como o seu *download* gratuito podem ser obtidas em: <http://www.prosperologie.org>. Acesso em 22/04/2016.

6 Os marcadores são, como o próprio nome indica, demonstradores de inflexões no *corpus*, cumprindo uma função de vigilância diacrônica e, por isso mesmo, melhor demonstrados em *corpora* de larga extensão temporal. Não sendo o caso do exercício deste artigo, não trabalharemos com os marcadores.

7 Utiliza-se esse modo particular de grafia (maiúscula seguida do sinal informático @) para indicar que um ser fictício (*être fictif*) foi criado. O ser fictício é a junção, sob uma só expressão, de todas as palavras que lhe correspondem, incluindo as flexões de gênero, número, sinônimos, gírias e variações de escrita. Assim, sob o termo JORNALISTA@ estão agrupados os termos: jornalista; Jornalista; JORNALISTA; jornalistas; Jornalistas; repórter; repórteres, etc.

trata do jornalismo profissional, tradicional, não o faz com o intuito de reforçá-lo ou defendê-lo, mas quicá para questioná-lo e confrontá-lo. Tal suposição nos levou a indagar: de que maneiras o jornalismo é posto à prova (testado), segundo os autores de *Medium* Brasil? Quais são as *provações* que fazem do jornalismo, jornalismo?

Demandamos a *Prospéro* operar a seguinte fórmula: /EF:JORNALISMO@ /T=5 /EPREUVE /P=15. Solicitamos que este *software* nos revelasse frases contendo termos substituídos pelo ser fictício JORNALISMO@, seguidos de não importa quais cinco termos (T=5) entre os quais uma *provação*, apresentando a continuidade do excerto textual até a soma de 15 termos (P=15). Com esta fórmula, chegamos a uma lista de 394 enunciados, os quais foram analisados e reduzidos a nove grandes categorias de *provações*: Crise (18%); Morte/Passado (14%); Transformação (15%); Incerteza (12%); Certeza (9%); Orientação ao futuro (11%); Prescrição (11%); Continuidade (5%) e Vivacidade (5%).

Como pode-se perceber, quase a metade dos textos (47% somando-se as categorias Morte/Passado; Crise e Transformação) apontam a impossibilidade de que o jornalismo seja o que se prestou a ser até então. Diante do cenário da comunicação digital, apenas 9% dos textos têm certeza do que é o jornalismo e 11% têm “conselhos a dar” para salvá-lo. Empatam em 5% as minorias que acreditam na continuidade do jornalismo tal qual o conhecemos ou que ainda veem nele traços de vivacidade.

Passemos a analisar a *provação* que agrupa o maior número de citações. No total, 13 dos 52 textos (25%) que compõem o *corpus* deste trabalho fazem referência à crise do jornalismo. Deixaremos para outro momento a discussão do que caracterizaria essa crise.⁸ Comparando esses textos (o *corpus* crise) com os demais (*anticorpus* crise) percebe-se que um ator principal que ganha peso no *corpus* crise é o ator “profissão”, como pode-se perceber pela Figura 1.

8 Apenas para evidenciar que não há consenso em torno do que caracteriza a crise do jornalismo, os textos falam em crise de legitimidade, crise de negócios, crise de identidade, entre outras.



Figura 1 – Atores principais que ganham peso no *corpus* Crise (*corpus crise*), na comparação com o total de textos (*l'anticorpus crise*).

Fonte: Captura de tela do software Prospéro

No *corpus* analisado, essa comparação demonstra que parte expressiva da discussão acerca da crise no jornalismo no *Medium* Brasil está centrada na atuação profissional, nos valores deontológicos do jornalismo, em sua identidade e em sua razão de ser.

Por outro lado, quando perguntamos a *Prospéro* qual qualidade perde peso na comparação global dos textos com o *corpus* crise, percebemos a emergência da categoria “Eficiente/Eficaz” (Figura 2), dando a compreender que as próprias qualidades e pertinências do jornalismo profissional estão em provação.

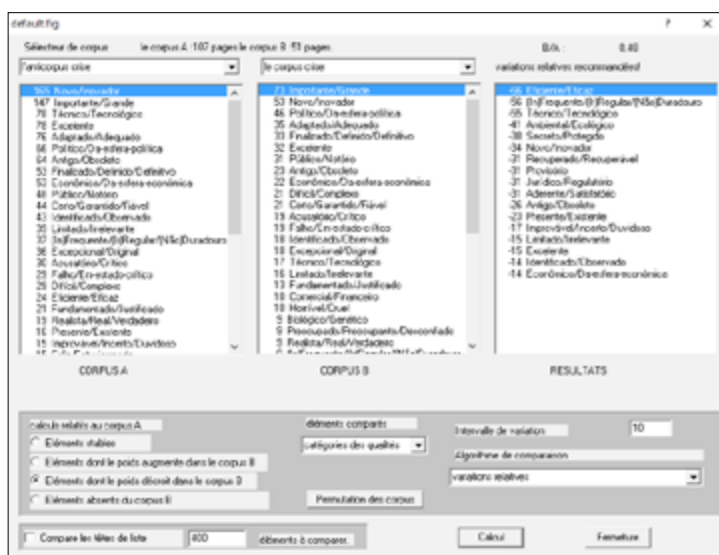


Figura 2 – Categorias de qualidade que perdem peso no *corpus* crise, na comparação com o total de textos.

Fonte: Captura de tela do software Prospéro

Quando olhamos para os termos associados aos motivos da crise do jornalismo, encontramos a entidade NOVASMÍDIAS@, que engloba, entre outros termos, as novas redes sociais digitais. A entidade NOVASMÍDIAS@ também aparece como ator principal dos discursos que têm como provação a categoria “Orientação ao futuro”. Podemos dizer que, neste quadro, a própria noção de crise do jornalismo é dúbia, uma vez que representa tanto ameaça (ao jornalismo convencional) quanto oportunidade. Essa dubiedade se traduz no título do texto que mais recebeu comentários (9) e recomendações (361) entre os textos do *corpus* escolhido: “O jornalismo está vivo. E a culpa é dos leitores das redes sociais.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dubiedade apontada em relação ao significado da crise do jornalismo no *corpus* trabalhado neste artigo nos remete a Latour (2000), segundo quem as provações permitem avaliar a resistência dos laços das entidades associadas e a estabilidade ou instabilidade da rede em formação. Também coaduna a avaliação dos sociólogos pragmáticos, como Bruno Latour e Francis Chateauraynaud, segundo os quais “a provação rompe com uma concepção estreitamente determinista do social” (Nachi, 2006: 76 - tradução nossa).⁹

Ao apontar para a incerteza sobre o que configura uma suposta crise do jornalismo, o momento de provação do jornalismo exige a determinação do estado da crise e, ao fazê-lo, permite a mudança da própria noção de crise. Incerteza (*incertitude*) e estado (*état*) são, portanto, dois dos axiomas da provação (Chateauraynaud, 1991) evidenciados neste exercício, aos quais se soma também o axioma reversibilidade (*reversibilité*). Em outros termos, os resultados da provação do jornalismo precisam ser sempre reversíveis, de modo que outra provação possa se apresentar, levando a outra mudança de estado. É desta maneira que a entidade NOVASMÍDIAS@ apresenta-se: ora como causadora da crise do jornalismo, ora como esperança de futuro para o jornalismo.

⁹ [...] l'épreuve rompt avec une conception étroitement déterministe du social.

Cabe ressaltar aqui que as observações sobre a crise da mediação jornalística são próprias ao *corpus* analisado. A fim de que as mesmas possam ser generalizadas e ampliadas, é preciso uma pesquisa que coteje outros meios infocomunicacionais em um período mais extenso do que o analisado neste trabalho e contemple a categoria dos marcadores, não analisados aqui. Este tem sido o esforço de uma pesquisa de doutorado em andamento.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Z. L. “Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência”. In: PEREIRA, F.; MOURA, D.; A, Zélia L. (orgs.). *Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias*. Florianópolis: Insular, 2012. 264 p.

ALZAMORA, G. C.; ARCE, T.; SALGADO, T. B. P. “Mediar, verbo defectivo: contribuições da Teoria Ator-Rede para a conjugação da mediação jornalística”. *Contemporânea*, Salvador, v. 12, n. 3, p. 495-511, setembro de 2014. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/12308/9374>. Acesso em 15/01/2016.

ALZAMORA, G. C. Especificidades da rede intermídia contemporânea considerações sobre a audiência em contextos reticulares. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 9, n. 17, p. 50-61, 2012.

CEBRIÁN, J. L. *O Pianista no Bordel*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

CHATEAURAYNAUD, F. *La faute professionnelle*. Paris: Métailié, 1991.

DEUZE, M. “The Changing Context of News Work: Liquid Journalism and Monitorial Citizenship”. *International Journal of Communication*, California, v. 2, p. 848-865, 2008.

GHEDIN, R. *Por que você precisa conhecer (e usar) o Medium*. 26/05/2013. Disponível em <http://gizmodo.uol.com.br/por-que-medium>. Acesso em 15/01/2016.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social – An*

Introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford University Press, 2005.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LE CAM, F. et al. “Introdução”. In: MOURA, D. O. et al. (ed.). *Mudanças e permanências do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2015. p. 11-23.

MARCONDES FILHO, C. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

NACHI, Mohamed. *Introduction à la sociologie pragmatique*. Paris: Armand Colin, 2006.

MEYER, P. *Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação*. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHUDSON, Michael. *Descobrendo a notícia*. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Clássicos da Comunicação Social)

ZELIZER, B. “Why journalism’s changing faces matter”. In: ZELIZER, B. (ed.). *The changing faces of journalism: tabloidization, technology and truthiness*. New York: Routledge, 2009. p. 1-10.

Recebido em 16 de maio de 2016.

Aprovado em 17 de julho de 2016.